

Mães Universitárias: um ensaio visual sobre as múltiplas possibilidades de ser mãe-estudante

Madres Universitarias: un ensayo visual sobre las múltiples posibilidades de ser madre-estudiante

Luz Mariana Blet

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3216-5550>

Resumo: A maternidade é uma categoria bastante invisibilizada no contexto universitário. Os desafios de ser mãe e conciliar a rotina acadêmica com os cuidados com a criança são múltiplos e são atravessados por questões de raça, classe, composição familiar, redes de apoio, entre tantos outros fatores, que tornam as maternidades plurais e diversas. Apesar das diferentes experiências, há questões recorrentes na vida das mães universitárias, seja desde a falta políticas públicas e espaços físicos nas universidades para acolher as mães e seus filhos, a olhares e às vezes palavras repreensivas e discriminatórias de colegas ou professores, ou a questões relacionadas à produtividade acadêmica, que não contemplam a realidade destas estudantes. Como estudante do programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) e de graduação em Cinema na mesma instituição, mãe e fotógrafa, este ensaio visual busca dar visibilidade às mães universitárias. Diversas mães estudantes de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFSC aceitaram a proposta de me receber em seus locais de moradia e representar os seus momentos de estudos, com base na realidade do cotidiano. Por vezes, a realidade também tomou o lugar da representação.

Palavras-chave: maternidade, universidade, fotografia.

Resumen: La maternidad es una categoría muchas veces invisible en el contexto universitario. Los desafíos de ser madre y conciliar la rutina académica con el cuidado infantil son múltiples y están atravesados por cuestiones de raza, clase, composición familiar, redes de apoyo, entre muchos otros factores, que hacen que las maternidades sean plurales y diversas. A pesar de las diferentes experiencias, existen temas recurrentes en la vida de las madres universitarias, ya sea desde la falta de políticas públicas y espacios físicos en las universidades para acoger a las madres y sus hijos, hasta las miradas y en ocasiones palabras de discriminatórias por parte de colegas o docentes, o hasta cuestiones relacionadas con la productividad académica, que no toman en cuenta la realidad de estas estudiantes. Como estudiante del programa de Antropología Social de la Universidad Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) y estudiante de grado en Cine en la misma institución, madre y fotógrafa, este ensayo visual busca dar visibilidad a las madres universitarias. Varias madres que estudian diferentes carreras de grado y posgrado en la UFSC aceptaron la propuesta de recibirme en sus lugares de residencia y representar sus momentos de estudio, a partir de la realidad de lo cotidiano. A veces la realidad también ocupó el lugar de la representación.

Palabras Clave: maternidad, universidad fotografía.

Introdução

A minha trajetória como estudante é longa, com poucas pausas e sempre foi atravessada por alguns fatores de opressão, como o fato de eu ser uma pessoa imigrante e pobre. Mas não que isso tenha impossibilitado alguma coisa. Do ensino fundamental e médio, fui direto para a graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, como bolsista na Faculdade Estácio de Sá, em Santa Catarina. Desde o início da graduação trabalhei, por vezes, em mais de um local ao mesmo tempo.

Após me formar, em 2011, trabalhei durante um ano fazendo apenas alguns cursos livres. Em 2013 mudei de cidade para cursar uma Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, ingressei também no Curso de Propaganda Afirmativa Audiovisual, oferecido pela Escola Popular de Comunicação Crítica - ESPOCC, do Observatório de Favelas na Maré e, junto a outros integrantes deste curso, formamos o Crua - Coletivo Criativo de Rua, com o objetivo de trabalhar com audiovisual, fotografia e outras linguagens artísticas nas periferias.

Em 2014 ingressei no Mestrado em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, o qual concluí em 2016. Em 2019 cursei uma formação Pedagógica em Letras português e tive minha primeira experiência de trabalho como professora da educação básica, enquanto gestava o Miguel, que chegou em 2020, um pouco antes da pandemia. Durante o isolamento social, na pandemia, ingressei no curso de Letras Espanhol, como retorno de graduado, na Universidade Federal de Santa Catarina, mas, antes de retornar ao ensino presencial, fiz vestibular para Cinema e, em 2022 retornei à graduação, com 32 anos e, agora também mãe. Em 2023, ingressei no doutorado em Antropologia Social, na mesma instituição.

A maternidade não é a minha temática de pesquisa. Mas desde o meu retorno, passou a exercer grande influência na minha vida (não apenas) acadêmica. Desde o primeiro semestre da graduação procurei buscar redes de apoio dentro da Universidade, e neste momento conheci o Coletivo de MãEstudantes da UFSC. E mesmo este não sendo o meu foco de debate na academia, a invisibilidade e a falta de políticas de apoio e permanência para as mães, tanto na graduação como na pós-graduação, ou nos eventos científicos, faz com que eu não possa ficar alheia a esta discussão.

O objetivo de iniciar com este relato sobre o meu percurso como estudante é o de enfatizar que este marcador social de ser mãe, e estudante, faz a diferença, independente da trajetória. Mas, quando somado a outros fatores como raça, classe social ou geração, podem inviabilizar o acesso e ou permanência das mães ao ensino superior.

Neste sentido, a minha contribuição como fotógrafa, através deste ensaio, é a partir de uma mesma questão, dar visibilidade à multiplicidade de experiências que envolvem ser mãe e estudante universitária.

Processo

Para desenvolver o ensaio fotográfico, visando contemplar uma diversidade de mães universitárias, foi criado um formulário de inscrição, divulgado em alguns grupos da universidade, nos quais pudesse alcançar o público desejado. A proposta não se restringiu à UFSC, porém, devido a minha rede de contatos, foi onde consegui maior divulgação.

O Formulário contou com 20 inscrições, de mães entre 24 e 48 anos. Destas, 19 se identificaram como mulheres cisgênero 1 como não-binária. Em relação a raça, 10 se identificam como brancas, 6 como negras, 3 como indígenas, 1 como latina.

Inicialmente, o ensaio foi pensado como proposta para a Mostra Fotográfica do Seminário Internacional do Fazendo Gênero 13, com realização prevista para o período de 29 de julho a 2 de agosto, no campus da UFSC em Florianópolis. Para esta mostra, cada participante deveria inscrever até 10 fotografias. Neste sentido, a escolha de 10 mães para compor este ensaio foi com base no número de fotos da mostra. Os critérios de seleção das pessoas fotografadas, visaram contemplar a diversidade racial, etária e de gênero. Os ensaios foram realizados nos locais de moradia dessas mães, exceto um, que por impossibilidade de encontrar um horário compatível para ambas, foi realizado durante uma reunião de estudos na universidade. Das 10 mães selecionadas, um ensaio não foi possível de ser realizado, também por incompatibilidade de horários, sendo este o da mãe não-binária. Esta pessoa não foi substituída por outra da lista pois, até o último dia do prazo para realização do ensaio tentamos buscar possibilidades de realizar o mesmo.

A proposta do ensaio nunca foi de caráter documental, com a pretensão de registrar um evento ou situação real, mas de fabular, criativa e criticamente, com base nas situações do cotidiano, como é o momento de estudos destas mães com seus filhos presentes. Apesar de conter um caráter

testemunhal, o retrato fotográfico não documenta o outro, mas sim, uma interação que se desenrola em um contexto específico, entre o fotógrafo e o fotografado (Rechenberg, 2014).

Ao chegar nos locais de residência destas mães, primeiramente me apresentei e contei um pouco do porquê da realização deste ensaio. Após isso, fiz uma breve entrevista com as mães para conhecer um pouco melhor a história de cada uma, como se deu a chegada dos filhos na vida delas e como costuma ser o dia-a-dia de estudos e cuidados com as crianças.

A realização das fotos ocorreu a partir da seguinte colocação: "E se você tivesse que estudar agora, como seria?". Neste sentido, como propõe Rechenberg (2014), mais do que uma documentação do cotidiano destas mães, este ensaio permite, através de imagens ficcionais, refletir sobre o seu caráter etnográfico e ampliar as *camadas de significados* (Edwards, 2016). Na sequência, apresentarei um pouco sobre essas mães e os resultados de cada ensaio.

Ana Cláudia

[IMAGEM 1]



Legenda: Ana Cláudia e Angelo

Ana Cláudia Romano de Lima, tem 36 anos e é estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2023 ela se formou no curso de Licenciatura e atualmente cursa bacharelado.

Mãe de Angelo Zuliani, de 13 anos, ingressou na universidade em 2017, logo após a separação. Ana Cláudia e o pai de Angelo dividiram a guarda do filho durante algum tempo, de modo a que ele ficava com o pai nos dias que ela precisava estudar.

Durante esse período, além dos estudos e da criação de seu filho, Ana Cláudia trabalhou de forma autônoma em diversas áreas, entre elas, como professora de inglês. Atualmente, com o filho um pouco mais velho, e após enfrentar diversas questões de violência com seu ex-marido, ela tenta organizar sua rotina de estudos conciliando com a rotina do filho. “Agora a gente está se reorganizando nessa nova rotina. Então, ele vai para a escola de manhã. Eu estou trabalhando dois dias de manhã e de segunda a quinta à tarde, como professora ACT em duas escolas de São José. E ele já tem um pouco mais de autonomia, tem algumas responsabilidades em casa e tal”, relata Ana Cláudia.

Desde 2018, integra o Coletivo de Mães Estudantes da UFSC, buscando lutar por melhores condições para as mães universitárias. Na licenciatura, desenvolveu o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Maternidades e Trabalhos: o trabalho materno como fator de exclusão social”, no qual traz propostas para pensar políticas públicas para as mães dentro da universidade.

Como eu entrei para o coletivo e para o curso de Ciências Sociais, já sendo mãe, sempre tive esse olhar durante os meus estudos. Então, quando eu estudei sobre as estruturas sociais e as questões políticas eu ia vendo como isso não abarcava o lugar das mulheres mães, e das mães solo. Então, fui direcionando minha pesquisa para esse lado. No TCC, então, eu peguei esse recorte de tentar trazer todos esses marcadores que excluem as mães, não só da universidade, como também do mercado de trabalho, do espaço político, do espaço social, público, de uma forma geral. Essa construção da maternidade como um trabalho invisível, não remunerado, de dedicação exclusiva é idealizado sobre o corpo das mulheres, e acaba nos excluindo (Ana Cláudia).

[IMAGEM 2]



Legenda: “Agora que ele está maior, buscamos conciliar nossos momentos de leitura”.

...

Conciliar um dia para realização das fotos foi uma das tarefas mais difíceis deste ensaio, já que tanto eu quanto as mulheres fotografadas somos estudantes, mães e com inúmeras demandas no dia a dia. Com Ana não foi diferente, já que, além de estudar e cuidar do seu filho, ela também trabalha como professora. Mas eu queria muito fotografar Ana, pois ela é uma das mulheres representantes do Coletivo de Mães Estudantes da UFSC.

A única data que conseguimos conciliar que ela e seu filho estivessem em casa e que eu pudesse ir fotografar foi um dia que Angelo estava com febre e não foi para a escola, e por isso, ela não pôde ir trabalhar. Como a proposta não levaria muito tempo, e ele poderia realizar enquanto repousava, fizemos as fotos nessas condições.

De início, Ana se sentou na sua mesa de estudos, enquanto Angelo lia no sofá, como uma representação do que seria um momento de estudos. E na sequência, a mãe foi até o sofá ver como estava a temperatura do filho e deixou o computador de lado para fazer um cafuné no filho febril.

Beatriz

[IMAGEM 3]



Legenda: Beatriz e Bruno

Beatriz J. de Mattos, 48 anos, é estudante de Fonoaudiologia da UFSC e mãe de Bruno, de 9 anos. Ela ingressou na universidade em 2011, mas em 2013, quando descobriu que estava grávida, trancou o curso. Ao retornar para a universidade acabou jubilandando e, em 2020, fez vestibular novamente.

Com quase três anos, eu me separei do pai dele. E hoje é tudo comigo. Toda a dinâmica do dia, das tarefas, dos estudos e saídas

[...] Inúmeras vezes eu tive que levar ele pra universidade. Na universidade, teve uma época que não tinha nem trocador. Quando ele era bebezinho, não tinha trocador nos centros. E eu trocava no banco. Algumas vezes, no NDI, eles deixavam entrar, dar um banhinho, porque às vezes acontecia de sujar mais, né? Aí entrava, mas aí depois mudou a direção. E passaram a não deixar mais, até por segurança, e eu entendo (Beatriz).

Beatriz conta que seu filho sempre foi muito bem-recebido na universidade e, que agora, com ele maior, consegue cursar as disciplinas pela manhã, enquanto ele está na escola e quando tem que ir à tarde leva o filho com ela. Apesar disso, relata que já ocorreram situações de colegas não aceitarem a criança na sala de aula, ou olharem pra ela com um olhar discriminatório devido à idade. Da mesma forma, relata aflição pela falta de uma orientação mais atenta por parte dos professores, em relação aos desafios de aprendizagem que possa enfrentar.

Esse etarismo é muito, muito forte...Esse semestre que passou, a quarta fase, que eu fiz aula ouvinte, foi um pessoal assim que eu tenho...Nossa, muito orgulho de falar que eles me acolheram. Muito orgulho, porque nos outros semestres foi difícil. Foram bem...Não queriam fazer trabalho, não queriam dividir o espaço comigo [...] esse etarismo foi bem decepcionante, porque são pessoas que vão trabalhar na área da saúde. Como vão agir lá na frente? (Beatriz).

[IMAGEM 4]



Legenda: "Ele é meu companheiro em todas as horas."

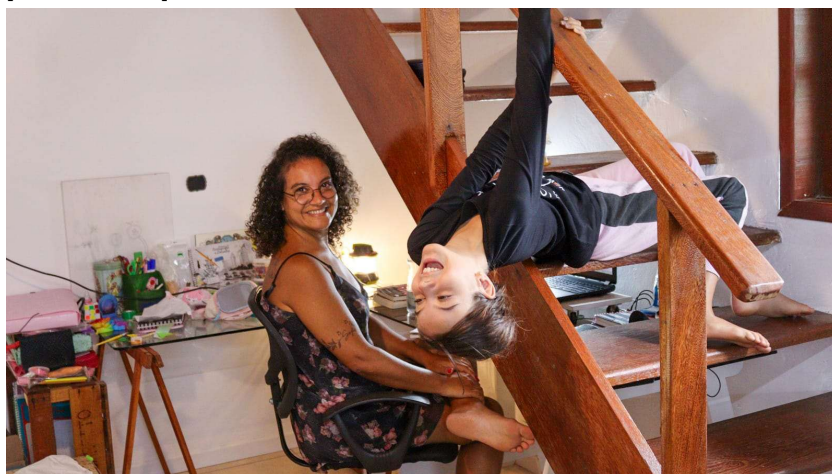
...

Beatriz foi super atenciosa comigo. Me recebeu com flores, café e bolo. Conversamos bastante sobre as nossas vidas e realidades de mães universitárias. Em cada canto de sua casa é possível perceber detalhes de como ela é atenciosa, também, com o seu filho, com a educação e suas tarefas escolares. E Bruno parece ter aprendido com ela. Comprou rápido a ideia de criar uma imagem de como costumam ser os seus momentos de estudo. Contou de suas experiências na

UFSC com a mãe, enquanto nos mostrava o que estava aprendendo na escola.

Thais

[IMAGEM 5]



Legenda: Thais e Sofia

Flávia Thais Michel, 41 anos, mãe da Sofia, uma menina de 11 anos. Thais, como prefere ser chamada, se formou em 2012, quando estava grávida. Foi uma gravidez planejada, e apenas em 2020 ela tentou reingresso à universidade, através do mestrado em sociologia, ao qual ingressou em 2023, com pesquisa na sociologia econômica, discutindo sobre o acesso das mulheres negras ao dinheiro e às políticas de ações afirmativas para mães e estudantes da UFSC.

Ingressei com outro projeto no mestrado, mas durante a participação nas aulas e a participação acadêmica, entendi a necessidade de mudar essa perspectiva da sociologia econômica para um objeto mais voltado para o meu gênero, raça e cultura. Sou uma mulher negra, que formou numa graduação no nível superior no ano em que foi criada a Lei de Cotas no Brasil (Thais).

Por ter se formado grávida, relata que levou um tempo para voltar à universidade. Além disso, divorciou-se do pai de Sofia, tornando-se mãe solo, responsável por todos os cuidados, tanto financeiros, culturais ou administrativos.

Eu estar estudando sobre mulheres na universidade foi algo que me ocorreu, logo depois que a minha matrícula efetiva saiu. Eu fui ao restaurante universitário com a minha filha, no qual eu passei por um assédio, e nesse assédio eu me dei conta do quão é escondido. É escondido o acesso das mulheres na universidade, as mulheres mães na universidade, o quão é difícil é pra gente adentrar a universidade com eles, com os filhos. Um ambiente onde se estuda

educação, cultura, economia, sociedade, história e a gente não pode ter crianças nesses ambientes (Thais).

[IMAGEM 6]



Legenda: “Hoje eu sou mãe de uma pré-adolescente, e é tudo comigo”

...

Enquanto Thais olhava os seus e-mails, eu preparava a câmera e ia explicando sobre a ideia das fotos e Sofia se movimentava ao nosso redor. Conversávamos sobre sua experiência como mãe de uma pré-adolescente e sobre as diferenças ou semelhanças com outros momentos da infância, enquanto Sofia se pendurava na escada. Gostei da imagem e fiz a foto. Depois brincamos em outros ambientes da casa, Sofia mostrou o livro que estava lendo e suas experiências com giz de cera.

Iadira

[IMAGEM 7]



Legenda: Iadira e Helton

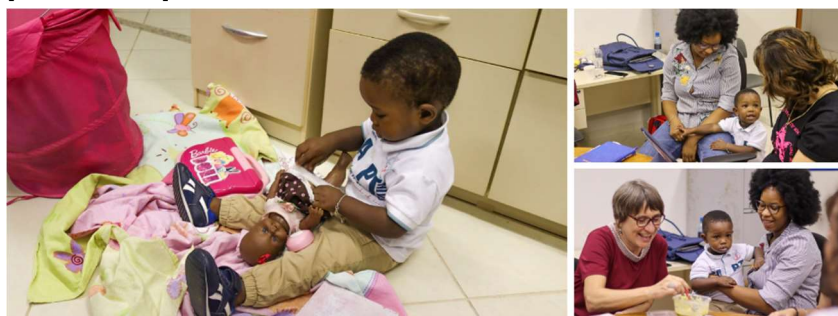
Iadira Antonio Impanta tem 30 anos, é natural de Guiné-Bissau, mãe de Helton Dililani Impanta Saldanha, de 2 anos e mora em Florianópolis desde 2021.

Feminista africana, doutoranda em Antropologia Social (UFSC), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2020), licenciada em

Sociologia (2018) e bacharela em Humanidades (2016) ambas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, membro fundadora do Coletivo para emancipação das mulheres guineenses CEMGUI - As Okinkas, em 2023 exerceu o cargo de coordenação do coletivo, atualmente atua como uma das responsáveis pela parte acadêmica do mesmo.

Na academia tem interesse em temáticas como relações de gênero, mulheres, política e migração. Depois da chegada do seu filho em 2022, tem compartilhado a rotina do cuidado com o seu marido, e recentemente também com sua mãe. Helton frequenta a creche em período integral e, segundo ela, “o programa e a minha orientadora têm sido compreensíveis com essa fase e até momento não passei por nenhuma situação ruim”, mas mesmo assim, ladira afirma que não tem sido fácil conciliar a maternidade e o doutorado, principalmente nessa fase de escrita, “mas estou seguindo na medida do possível”.

[IMAGEM 8]



Legenda: O integrante mais novo do grupo de pesquisa.

...

Eu e ladira cursamos o mesmo programa de Doutorado e integramos o mesmo grupo de pesquisa. Mas ambas, com filhos pequenos, não conseguimos coordenar um horário para realizar as fotos em sua casa. Em uma das reuniões do grupo eu havia levado a câmera, pois estava tentando agendar um horário com outra mãe no mesmo dia. ladira levou o pequeno Helton para a reunião, então aproveitei para registrar o momento. O ensaio dela foi o único de documentação de uma situação real.

Laura Parintintin

[IMAGEM 9]



Legenda: Laura e suas filhas Fernanda e Suzani, segurando o pequeno José, junto com a amiga Hadyja

Laura é estudante indígena do povo Parintintin, do estado do Amazonas, e cursa Ciências Sociais na UFSC. Mães de três filhas, de 24, 20 e 12 anos e avó do José, de 2 meses. Nestas fotos, além de suas filhas e neto está presente Hadyja Amedo Pripra Patté, filha de Thaira Pripra, estudante indígena do curso de Psicologia da UFSC, que não pode estar presente no dia do ensaio, mas encontra-se na imagem ao fundo, com a amiga Laura.

Laura mora na Maloca, ocupação indígena da UFSC, há 4 anos, com duas de suas filhas e seu neto. Mas participa do movimento da ocupação desde o início.

[IMAGEM 10]



Legenda: Ocupação Indígena Maloca

Em 2016, né, quando se deu a ocupação. E eu, junto com essa daqui. Pequeninha, né, a gente, a gente que ocupou no primeiro momento, nós duas, né. [...] Enquanto mãe, foi bem difícil. Antes, [da ocupação] era difícil morar fora, porque ninguém queria alugar

pra mim nenhum espaço, por conta da Fernanda, que era bebê. E política de pais e mães, na época, quando eu entrei, não tinha (Laura).

Laura entrou na UFSC em 2011 para 2012 e, com sua filha Fernanda ainda bebê e conta que se juntou a outros pais e mães da universidade, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, fundando um coletivo de pais e mães, que começou a lutar por políticas públicas pra mães e pais, entre elas, o acesso ao restaurante universitário com os filhos, que antes não era permitido, auxílio creche, fraldários, entre outros. A gente começou a brigar por acessibilidade. Você vê que a UFSC, até hoje, não tem acessibilidade, né. Você tá com o carrinho, meu Deus. Aí, não tem acessibilidade. Mas a gente trazia essa demanda... E no restaurante universitário que tivesse lugar pra gente sentar com nossos filhos, que é bem difícil: tu chega, tá tudo ocupado, a gente queria que sinalizasse. Pra gente ter acesso à biblioteca, que na época, quando eu entrei, não podia. Crianças não podiam entrar na biblioteca. [...] Os próprios estudantes, nossos colegas, reclamavam quando a gente ia no café do CFH com as nossas crianças e a gente pedia pra eles não fumarem. Daí, eles falavam, assim: que aquele lugar não era lugar de criança. Então, a gente passava por todos os tipos de preconceito. Em relação aos movimentos que lutam por direitos para as mães na universidade, Laura destaca um ponto fundamental, que diferencia a luta de estudantes mães não-indígenas e faz com que estes movimentos não contemplem a realidade indígena, que é a da participação dos homens.

E para nós, mulheres e mães estudantes indígenas, a participação dos homens indígenas é fundamental. A gente percebe que as não-indígenas, a participação dos homens é quase que inexistente nesse processo do cuidado com a criança. Então, como a gente, culturalmente, os povos indígenas no Brasil, eles são uma cultura da coletividade, então eu percebo bastante a diferença, né? Em relação ao cuidado da criança, porque aqui, embora a gente esteja numa situação precária na ocupação...é precário, é estressante, é adoecedor... Tantas e tantas coisas negativas que tem, mas ainda assim, uma coisa que eu vejo que é positiva é a presença dos homens indígenas junto com nós, né? Os homens, eles ajudam a gente no cuidado com as crianças. E isso independente de ser pai ou não (Laura).

Ao mesmo tempo que lutava para sobreviver na universidade, Laura conta que passou a lutar também pelos parentes que estavam chegando e a participar de comissões de

implementação e regulamentação de políticas específicas, para o acesso de estudantes indígenas e quilombolas. Mas, quando esses estudantes ingressavam na universidade não tinham onde morar e assim surgiu a ocupação indígena da Maloca.

Nós, enquanto indígenas, nem sequer podíamos, por exemplo, fazer o cadastro socioeconômico da PRAE, que já era uma realidade pro estudante não indígena aqui. Mas nós não podíamos. Nós só conseguimos acessar o cadastro no ano de 2021, porque nós lutamos pra ter um programa específico e foi criado um programa chamado Bolsa PAIC. Aí foi que a gente conseguiu acessar o cadastro. Antes, a gente não tinha direito nem à isenção do RU. A gente não tinha direito nem a isso. Então, a gente começou a lutar pela isenção do restaurante universitário, pelo auxílio moradia, pela bolsa PAIC, e também pela moradia, né? [...] Foram anos de luta, de desgaste, de batalha, sabe? E durante esse tempo a gente era totalmente desassistido. Era nós por nós.

[IMAGEM 11]



Legenda: ser mãe, estudar e viver em um espaço coletivo.

...

Na Maloca só é permitida a entrada dos estudantes indígenas que nela residem, porém, quando conversei com Laura sobre a proposta das fotos ela achou importante fazer os registros dentro da ocupação indígena. Em março de 2024, mês no qual realizei os ensaios, a UFSC estava por inaugurar o Alojamento Estudantil Indígena e Laura e sua família deixariam a Maloca para morar no novo alojamento, que conta com uma estrutura muito melhor, mas só foi conquistado após longa luta dos estudantes indígenas.

Neste sentido, fotografar dentro da Maloca serviu, não apenas para mostrar um pouco das condições que ela e sua família viviam até o momento, mas também, para lembrar que o novo Alojamento não é uma solução definitiva, que seria a Moradia Indígena, já que este não comporta todos os estudantes

indígenas da universidade e muitos ainda permanecerão na Maloca.

Laura me levou para conhecer os diversos ambientes da Maloca, que apesar de estar dentro da Universidade, é uma realidade totalmente desconhecida para os estudantes não-indígenas. Me apresentou o seu quarto, onde vive com sua filha Fernanda, os espaços coletivos, como a cozinha, a lavanderia e uma pequena sala de estudos, os corredores e paredes improvisadas e o quarto de sua filha Suzani, onde ela vive com o marido e o filho.

Quando conversamos sobre os momentos de estudo, Laura falou muito sobre as dificuldades de acessar os diversos locais que a universidade disponibiliza, por morar em uma residência coletiva e não ter a mesma liberdade que outras pessoas têm para fazer as tarefas domésticas. Conforme ela, apesar de morar dentro da universidade e estar próxima da biblioteca ou da sala de informática, ao ir para esses locais ela acaba perdendo o horário de cozinhar, ou a vez na fila da lavanderia. Por isso, além de fotos no seu quarto ou em ambientes coletivos da Maloca, Laura escolheu fazer as fotos na lavanderia. Uma fabulação de sua realidade cotidiana, onde ela se desdobra entre as tarefas domésticas como cozinhar ou lavar a roupa em espaços coletivos, os cuidados com a educação de suas filhas, as suas demandas como estudante e como liderança indígena da universidade.

Suzani Parintintin

[IMAGEM 12]



Legenda: Suzani e José

Suzani tem 25 anos e é estudante indígena do povo Parintintin, do Amazonas e cursa Cinema na UFSC. Suzani é a filha mais velha de Laura e é mãe do pequeno José.

Sobre ser mãe, eu sou nova nisso, estou só um mês sendo mãe, então eu não posso dizer muita coisa. Eu saberia mais sobre como é ser filha, porque quando a minha mãe entrou na universidade eu tinha 12 anos, a minha irmãzinha tinha acabado de nascer, então eu vi como foi difícil para ela ser mãe e estudante aqui dentro (Suzani).

Suzani lembra das dificuldades que a mãe enfrentava na sua infância e afirma que se hoje a realidade das mães universitárias é ruim, antes era ainda pior, mas que já houve bastante avanço. “Eu estou conseguindo usufruir de uma luta que ela lutou no passado, né? Ainda, para mim está sendo um pouco melhor do que foi para ela. Mas ainda assim, né? Tem preconceitos já pelo fato de ser mulher, indígena e ser mãe”. Ela conta que seus colegas e a coordenação do seu curso foram receptivos, mas que, em outros cursos ou locais da mesma universidade não acontece o mesmo. “A gente sabe que a universidade é bem elitizada ainda e só pelo fato da gente estar aqui dentro dela. É uma afronta aos outros, né?”.

...

Quando eu retornei para a graduação, sendo mãe de um menino de 2 anos, e tinha que levá-lo comigo para a aula, me sentia afrontando constantemente. Assim como Suzani, também curso Cinema na UFSC e, apesar de ser um ambiente com pessoas bastante receptivas, é um curso majoritariamente branco e elitizado. Eu era a única mãe do curso, talvez a mais velha e uma das poucas pessoas periféricas. Apesar de existirem as ações afirmativas, ainda é muito pequeno o número de pessoas negras e indígenas e a evasão é muito grande, pois é muito difícil se manter em um curso integral se você não faz parte de um grupo privilegiado.

Suzani é filha de Laura e, no dia que realizamos as fotos na Maloca, fizemos de toda a família. Suzani me apresentou o seu quarto e me mostrou a sua antiga mesa de estudos, que desde a chegada de José, virou um espaço para trocador. Porém, pensando no seu comentário, sobre a afronta que é certos corpos ocuparem a universidade e sobre a importância da afirmação das pessoas indígenas neste contexto, escolhi outras fotos, que havia realizado no dia que as conheci e contei sobre a proposta do ensaio, em meio à universidade.

Paola

[IMAGEM 13]



Legenda: Paola e família

Paola Pereira, é estudante de Letras Francês, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem 42 anos, é natural de Joinville e reside em Florianópolis desde 2000.

Paola e Carlos, 44 anos, formado em Geologia pela UFSC, são pais de Eloah, de 3 anos e Leon, de 1 ano. Ambos compartilham os cuidados com os filhos e as demandas de conciliar esses cuidados com os estudos. Tanto Eloah como Leon já frequentaram a universidade com os pais inúmeras vezes, mesmo que esta tenha pouquíssima estrutura para atender estudantes com filhos.

Atualmente, a rotina de Paola se divide entre os estudos, o cuidado com os filhos e o trabalho em massoterapia. Na graduação Paola tem interesse nas áreas de licenciatura com foco em fonética.

Para ela, a vida acadêmica que começou em 2019 sem filhos, se tornou um verdadeiro malabarismo. Entre conciliar aulas a distância (com a pandemia em 2020/2021), aulas presenciais, disponibilidade e atenção aos bebês, estudar fora da sala de aula com pouca disponibilidade de tempo pra isso. Tiveram momentos de precisar levar as crianças junto para sala de aula, e na maioria das vezes ter que sair logo da aula, pois com eles tão pequenos não foi possível administrar a situação de forma positiva para todos. Para frequentar as aulas presenciais, Carlos ficava com as crianças, muitas vezes na própria UFSC, o que fez com que visualizassem por diversas vezes as necessidades de estruturas que viabilizem mais a presença de pais estudando com os filhos próximos e /ou juntos, como parquinhos e trocadores nos banheiros, por exemplo.

Uma opção foi trancar alguns semestres para poder focar nas crianças, tendo em vista a importância da primeira infância e

como os pais podem proporcionar um melhor desenvolvimento emocional para os pequenos. E para que, num momento seguinte, com as crianças um pouco maiores e já frequentando uma creche, possa se dedicar de forma mais focada ao curso e as suas demandas extra sala de aula.

[IMAGEM 14]



Legenda: Paola e Carlos, com seus filhos Eloah e Leon

...

Das mães que fotografei, Paola não é a única que vive com o pai de seus filhos, mas, no caso deles, optei em fotografá-los como família pois ambos relataram as suas vivências como estudantes com filhos.

Entre as generalizações que costumamos ver quando falamos sobre mães universitárias está a de que só as mães cuidam dos filhos. Mas também é preciso lembrar que existem pais que estudam e que têm filhos. E se o cuidado for compartilhado, é preciso também que a universidade conte com espaços para que estes pais possam estar e cuidar dos seus filhos. No caso da família de Paola, um dos relatos deles foi sobre as diversas vezes que Carlos teve que levar a filha para a aula, enquanto o filho menor estava com Paola e a ausência de lugares para trocar a filha em banheiros masculinos.

Sobre os momentos de estudos, ambos relatam que costumam estudar depois dos filhos dormirem, mas, quando têm que estudar com eles, costumam dividir: Paola cuida de Leon, que ainda mama, e Carlos de Eloah. Nas fotos, Paola começou a ligar o computador, com Leon ao lado, enquanto Carlos lia para Eloah. Em poucos minutos todos estavam desenhando juntos no chão do escritório.

Priscila

[IMAGEM 15]



Legenda: "Ele me deixa recadinhos de amor"

Priscila Rosa Martins, 35 anos, é estudante de doutorado em Ciências da Informação, na UFSC e mãe do Vicente, de 6 anos. Formada em Letras Português, realizou o mestrado em Londrina, e cursou também Arquivologia. Ela conta que a decisão de ingressar no doutorado não teve apoio do pai do seu filho e logo vieram a se divorciar e que foi muito diferente iniciar uma outra graduação e doutorado, sendo mãe.

Embora a gente esteja inserida e procure estar dentro de coletivos, procure conhecer as outras mães, ainda somos subrepresentadas na universidade [...] Poderia dizer que são pouquíssimos casos e iniciativas que promovem, essa inserção (Priscila).

Para realizar o doutorado com alguma rede de apoio, Priscila retornou para Florianópolis, para estar mais próxima de seus pais. Atualmente ela conta também com a participação do seu atual companheiro, Daniel. "Então, é sempre estar dando um jeito, né. A gente está aqui hoje tirando foto no meio da tarde, mas o meu horário de estudo costuma ser o horário da noite, que é o horário que todas as outras atividades já foram realizadas".

No doutorado ela pesquisa arquivos de mulheres e afirma que tem que realizar também trabalhos esporádicos, já que é muito difícil se manter e manter o seu filho apenas com o valor da bolsa de doutorado.

[IMAGEM 16]



Legenda: Priscila e Vicente

...

Priscila costuma estudar quando Vicente está dormindo, mas em seu escritório, há uma mesinha de desenho para o filho. Vicente é muito tranquilo, enquanto conversávamos e tirávamos fotos ele brincava de lego e a mãe conta também que ele gosta de desenhar. Vicente desenha corações e recadinhos de amor, que Priscila cola na sua mesa de estudos.

Wanessa

[IMAGEM 17]



Legenda: Os preparativos para as fotos, brincando de Boi de Mamão

Wanessa Bruna Santos Brito Gomes tem 36 anos, é natural de Natal, Rio Grande do Norte, mãe do José Antônio Gomes, de 3 anos e mora em Florianópolis desde 1995.

Doutoranda em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestra em Educação e graduada em Pedagogia, também pela UFSC. Possui especialização em Educação Especial pela Universidade Municipal de São José. Atualmente é professora efetiva de educação infantil da rede municipal de Florianópolis. Participa do coletivo MãEstudantes UFSC.

Na academia tem interesse em temáticas como formação de professores, docência compartilhada, composição docente e

infância. Atualmente vem desenvolvendo a pesquisa intitulada: A composição das relações educativo-pedagógicas na educação infantil: desafios e possibilidades para uma docência compartilhada.

Com o nascimento do seu filho em 2020, tem compartilhado a rotina e cuidados com o seu marido. Também conta com a rede de apoio de familiares quando necessita. José Antônio frequenta a creche em período integral e, segundo ela, tem sido um grande desafio conciliar a vida de mãe e pesquisadora.

[IMAGEM 18]



Legenda: Wanessa e José Antônio

...

Wanessa foi a primeira a ser fotografada. Nos conhecemos pelo Coletivo de Mães e já havíamos nos aproximado em diferentes ocasiões na Universidade. Ela me recebeu com um belo café da tarde e José Antônio com seus bonecos de Boi de Mamão.

José parece gostar muito de Boi de Mamão, uma manifestação folclórica aqui de Santa Catarina. Ele desfilou com o Boi, o Macaco, a Cabrita e a Bernunça. Quando terminou o desfile do Boi, fomos até o escritório de Wanessa e ela preparou um cantinho para o filho desenhar. Ele começou a pintar um boizinho, mas logo preferiu olhar o que a mãe fazia no computador. Ao final, José tomou conta do computador e Wanessa percebeu que havia desenhado o boizinho em um documento da universidade.

Considerações finais

Ao discorrer sobre a relação da fotografia no processo etnográfico, o antropólogo David MacDougall, (2009), afirma que as fotografias refletem o momento de criação, de encontro entre o fotógrafo e o fotografado e que o significado é produzido por nossos corpos neste encontro. "Vemos com o

corpo e qualquer imagem que façamos carrega a marca dele, do nosso ser, bem como do significado que pretendemos comunicar” (Macdougall, 2009, p.63).

Neste sentido, a fotografia não deve ser vista como predatória, ela não retira algo do sujeito retratado, mas sim, “cria um exercício de desvendamento das possibilidades existentes dentro de nós” (Rechenberg, 2014, p.10).

A realização deste ensaio fotográfico sobre mães universitárias, por uma mãe universitária, possibilitou enxergar, neste encontro de corpos, tanto as experiências compartilhadas entre diferentes pessoas, como a diversidade de experiências de ser mãe e estudante universitária.

Mesmo se tratando de mães da mesma universidade, ao retratar essas mães e adentrar nos seus locais de moradia, é possível se deparar com questões como a heterogeneidade racial e social e as diferentes formas de composição familiar. Neste sentido, aquela frase clássica “mãe é tudo igual, só muda de endereço”, carece de uma revisão, já que a diversidade de marcadores sociais, contextos ou *endereços*, podem tornar essas experiências completamente diferentes.

Ser mãe imigrante, negra, indígena, periférica, campesina, trans, lésbica, casada, solo de 20 ou 40 anos, com casa própria ou da moradia estudantil não é tudo igual, mas é preciso que todas estas possibilidades de maternidades, possam existir e ser acolhidas, com as suas diferentes demandas, no contexto universitário.

Referências

EDWARDS, Elizabeth. Rastreado a fotografia. In: Barbosa.A.; Cauybi, S.; Hikiji, R.; Cunha, E. (Orgs.). A Experiência da Imagem na Etnografia. São Paulo, terceiro Nome, Pp. 153-190. 2016.

MACDOUGALL, David. “Significado e ser.” In: Barbosa, A. et. al. (orgs.), Imagem-Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos. São Paulo: Papirus Editora, 2009.

MOURA, I. de O. E. de S.; SILVA, J. M. S. MATERNIDADE COMO MARCADOR DA DIFERENÇA NAS RELAÇÕES SOCIAIS. Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 4, p. 54-64, 2024.

RECHENBERG, Fernanda. Notas etnográficas sobre o retrato: repensando as práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens. Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 3, no. 2, 2014.